

Falsificações da História¹

Heitor de Paola*

Talvez não exista acontecimento da história mais documentado do que a Segunda Guerra Mundial. Não obstante, as falsificações sobre este período tomaram foros de verdade.

Pode-se concordar com Vladimir Volkoff (*Pequena História da Desinformação – do Cavalinho de Tróia à Internet*) que a desinformação como um todo – e a manipulação da História em particular – passou de “uma infância balbuciante para uma juventude esclarecida” com a invenção da imprensa por Gutenberg em 1434. O velho adágio “acredito porque eu vi” passou a ser “acredito porque eu li”. O monopólio real e clerical – os éditos do rei e as prêdicas pastorais – foi intensamente desafiado pela proliferação de panfletos, brochuras, libelos, que vieram num crescendo até o século XVIII com a sistematização enciclopédica. Já é produto da falsificação da História que apenas os óbvios aspectos positivos deste desenvolvimento tenham sido ressaltados, deixando de lado o fato de que esse invento possibilitou também a disseminação de toda a sorte de mentiras, infâmias e falsas reconstruções.

Quando os *philosophes* iluministas se lançaram a compilar a *Encyclopédie*, ou *Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, seguiram a orientação de seu principal representante, Denis Diderot, que dizia que “a natureza de um bom dicionário deve ser a de mudar a forma

habitual de pensar”. Volkoff considera essa obra monumental com 28 volumes como o perfeito cavalo de Tróia da Revolução Francesa. Os escritores da enciclopédia viram-na “como a destruição das superstições e o acesso ao conhecimento humano”. O que não contaram para ninguém é que estavam criando novas superstições e dando acesso não à verdade dos fatos, mas a seus próprios preconceitos. Voltaire, um desinformador inescrupuloso, compreendeu bem que o alvo da obra era mudar a opinião pública contra a monarquia e a Igreja Católica. Não por expor simplesmente as efetivas mazelas das duas instituições, mas, com um total desprezo pela verdade – até mesmo criando vários pseudônimos –, criando mentiras e as transformando em verdades absolutas como produtos da “razão” e da “ciência”.

O primeiro grande falsificador – a obra de Voltaire não pode ser considerada uma sistemática violação da História – foi Karl Marx, cuja visão fraudulenta da História, o “*materalismo histórico*”, precisava ser provada de qualquer maneira sob pena de ruir toda a estrutura charlatanesca que começara a inventar. Reinterpretações históricas, como *O 18 Brumário*,

¹ Transcrito de *MídiaSemMáscara* de 5 de janeiro de 2007; trata-se dos segundo e terceiro artigos sobre o tema analisado pelo autor.

*O autor é escritor e comentarista político, Membro do *Board of Directors* da *Drug Watch International*. Possui trabalhos publicados no Brasil e exterior e é ex-militante da Ação Popular (AP).

de Luis Bonaparte, demonstram cabalmente suas intenções. Nessa obra, Marx não somente faz uma interpretação dos acontecimentos de 1848 na França à luz de suas idéias como, retroativamente, ironicamente, distorce o ocorrido nessa data em 1799, quando o tio de Luís, Napoleão, deu o golpe no Diretório e tornou-se Imperador. Data dessa obra a reinterpretção da falácia hegeliana de que a história se repete: "(Hegel demonstrou que) *todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa*" (Marx, 18 Brumário).

A "juventude esclarecida" chegou à plena maturidade com a instalação do primeiro governo comunista, em 1917, na Rússia. O grande arquiteto da desinformação sistemática foi Felix Edmundovitch Dzerzhinsky, criador da primeira polícia secreta soviética, Tcheka (das duas letras cirílicas x [tche] e Ê [ka]). A primeira fraude fotográfica importante de que tenho notícia foi a supressão da imagem de Trotsky ao lado da tribuna de onde Lenin discursava para as tropas na Praça Sverdlov em 1920, obra de seu sucessor, Lavrenty Pavlovich Beria, sob as ordens de Stalin.

Talvez não exista acontecimento da história mais documentado por artigos, livros, fotos e filmes do que a Segunda Guerra Mundial. Não obstante, as falsificações sobre esse período tomaram foros de verdade, e esta, impotente de se mostrar por si mesma, sucumbiu a montanhas de mentiras de várias origens, entre as quais as falsificações baseadas no "materialismo histórico". O texto que apresentamos a seguir, de autoria do Professor Gustavo Corção e originalmente publicado em maio de 1970, em *Permanência*, visa a esclarecer fraudes baseadas naquela que se tornou, aberta ou sigilosamente, a grande verdade sobre esse período, a falácia de-

nominada *Grande Guerra Patriótica*, como os soviéticos chamavam o *front* oriental da Segunda Guerra. Encomendada por Stalin e nomeada segundo a Guerra Patriótica de 1812 contra a invasão napoleônica, é uma exaltação a Stalin e à liderança do Partido Comunista, omitindo que a URSS teria sido presa fácil da *Wermacht* que rapidamente chegaria aos Urais não fora a maciça ajuda norte-americana em armas e dinheiro. Mas deixemos a palavra com Corção.

FALSIFICAÇÕES DA HISTÓRIA

A História em todos os tempos tem mais nódoas do que brancuras, ou mais buracos do que queijo, como o suíço; mas pode-se dizer que a mais falsificada das histórias é justamente a dos anos em que o mundo dispõe do aparato instrumental de comunicações, com que tanto se empolgam hoje os religiosos.

Conhecemos melhor a história da Grécia de Péricles do que a história da última guerra mundial. Já dei vários exemplos. Trago hoje novos, e não serão certamente os últimos.

Para início de conversa, devo confessar que caí no "conto" de Presses Universitaires de France e comprei sua *Histoire Générale des Civilizations* publicada sob a direção do Sr. Maurice Crouzet que era na época, 1957, *Inspecteur général de l'instruction publique*, e é autor do último volume, que justamente versa sobre a História contemporânea. A coleção, composta de vários volumes, tem alguns razoavelmente bons, e até posso dizer que o volume do século XVI e XVII, de Roland Mousnier, é muito bom. Mas o volume escrito pelo próprio Maurice Crouzet é da mais deslavada e cínica inspiração comunista. Alguém talvez ache que essa inspiração é habilmente disfarçada. Nem isto acho eu; e provo.

Vamos aos pontos nevrálgicos. Como é que esse falsificador conta a história da guerra II?

Abrigado atrás de uma prestigiada metodologia que dá realce especial às causas materiais, o autor começa por tratar paralelamente e simultaneamente das duas guerras mundiais, para comparar e salientar as diferenças de concepções estratégicas e de armas. Na página 319, e com um tranqüilo cinismo, o autor descreve a fraqueza da *Wehrmacht* e fala no *bluff* de Hitler, sem lhe ocorrer que a França foi esmagada por essa fraqueza e por esse *bluff*.

Mas o mais espantoso é o seguinte: o leitor vê de repente que está numa guerra sem saber onde e por que começou. Não há nenhuma menção ao pacto germano-soviético para a partilha da Polônia e para o assassinato de milhões de judeus. Todos os velhos se lembram das sinistras figuras de Molotov e Ribentropp selando esse pacto infernal; mas os moços estão proibidos de saber que houve esse pacto e que a guerra começou pela invasão da Polônia, assaltada quase simultaneamente pelos demônios do comunismo e pelos demônios do nazismo.

Sim senhores, o volume de quase 1.000 páginas da História contemporânea não explica como começou a Guerra II e oculta a maior monstruosidade do século. Mas não se detém aí o cinismo do Sr. Maurice Crouzet. Tendo de dizer alguma coisa sobre a Polônia, já que esse povo ainda existe e se acha acorrentado à Rússia soviética, o *Inspecteur de l'instruction publique* tem uma idéia genial: diz que foi a Polônia que quis agredir a Alemanha nazista e a Rússia comunista. É incrível mas aqui está o dolo, a falsificação na página 340: "Na Polônia, onde se forma desde 1939 um exército secreto dirigido ao mesmo tempo contra os alemães e contra os russos, as divisões são profundas entre comunistas e anticomunistas."

E da Rússia de 1920 a 1930 não diz uma palavra sobre a fome espantosa provocada pela

coletivização da propriedade agrícola; e muito menos sobre os socorros prestados por Pio XI e pela American Relief Association que salvou da morte milhões de russos.

No caso da Espanha, o autor francês usa a mesma prestidigitação: põe-nos diante do levante militar e *fascisant*, menciona o apoio dado pela Itália e pela Alemanha pela falange de Franco, mas não dá um pio sobre as razões que levaram os militares espanhóis a essa extremidade. E essas razões não são microscópicas. O que houve na Espanha, num dos mais belos países católicos do mundo, foi simplesmente o seguinte: os vermelhos incendiaram todas as igrejas; e não podendo infiltrar o esquerdismo nas ordens religiosas como fizeram na França, os comunistas chegaram a esta límpida conclusão: "*Los curas? Hay que matarlos.*" E mataram fartamente; violaram freiras, violaram mortas, expuseram cadáveres de carmelitas nuas e festejaram tal exibição de múmias de virgens oferecidas a Cristo. Tudo isto e muitíssimo mais. Pois bem, o volume VII da *Histoire Générale des Civilizations* não tem uma palavra para apresentar um fato que, durante alguns anos, cobriu de sangue um dos mais nobres e belos países do planeta.

Ah! esquecia-me. De todos os horrores praticados contra as mais indefesas criaturas, as Presses Universitaires de France só mencionam o bombardeio de Guernica e reservam uma bela estampa de página inteira para o quadro de Picasso.

Disse que não mencionaram a fome de Moscou e da Rússia inteira? Esqueci-me de acrescentar: em compensação reservaram uma página inteira para a fome da Índia.

Essa obra canalha e falsificadora está traduzida, e provavelmente muitos moços já firmaram suas convicções a respeito do que aconteceu no mundo nestes últimos anos. Daí o ele-

vado número de pessoas que me atribuem excessiva contundência e exagerada indignação.

Falou-se muito do Dia da Vitória. Que vitória? Ah! sim, vitória das “democracias” sobre Hitler. Rio-me ou choro? Naquele tempo acompanhei com paixão todos os lances da guerra e tive horror à brutalidade nazista com toda a força de minha mocidade. Chorei quando vi num filme documentário alemão, UFA, a cena do estupro ritual da Polônia. Diante de uma porteira, os carros-de-combate invasores estacionavam, e eu vi um oficial graduado avançar e violar a porteira com o passo de ganso. Rangiu os dentes de ódio. E daí por diante era raro o dia sem lágrimas e ranger de dentes.

Mas agora, tantos anos depois, vejo que caí no mesmo erro geral em que o mundo inteiro caía. E qual era esse erro? Era simplesmente o de só ver um lado da guerra. No mesmo filme que anunciava o martírio da Polônia, não me veio à mente a idéia do outro lado. O monstro URSS esteve constantemente eclipsado pelas caretas de Hitler, pela encenação wagneriana do nazismo. O mundo inteiro só pensava, só falava numa guerra, a guerra convencional de Hitler, a guerra superficial que em 1941 já estava ganha pela Inglaterra; e todos deixavam de ver a verdadeira guerra: a guerra revolucionária, e o verdadeiro inimigo: o “ideal” socialista.

A União Soviética, depois do bombardeio de Helsinque, saiu completamente do noticiário e mergulhou na escuridão. E o tolo mundo inteiro, e eu dentro dele, pensava que o que importava era vencer Hitler. É curioso, é estranho e, sobretudo, é humilhante pensar que as façanhas fulgurantes de um louco tenham despistado totalmente o mundo dito democrático. Em 1940, cai a França, e os alemães entram em Paris. Pois bem, durante um ano e meio, quando ainda funcionava o pacto germano-soviético,

os patriotas franceses da *Resistance* só viam o inimigo alemão e por uma inexplicável derrisão já começavam a ver nos comunistas o aliado. Subitamente, em junho de 41, Hitler ataca a URSS, num lance de loucura e desespero. E então a URSS sai da obscuridade e vem para a boca da cena como vítima e como aliada!!!

Passaram todos a ver na URSS uma vítima e uma aliada. E aí está a supremíssima estupidez em que todos caímos, e que hoje tem uma dolorosa evidência. O mundo ocidental dopado, mal armado de critérios, enganou-se de inimigo. Churchill, o sagaz, o genial Churchill deixou confissão pública de sua total obnubilação. Ele só pensava em Hitler, Churchill, um inglês de pura raça, inteligentíssimo, ficou hipnotizado pelas caretas de um sinistro Carlitos. E, no dia da invasão da URSS, disse estas palavras aos seus pares para justificar o imediato apoio dado aos soviéticos: “Se Hitler invadir o inferno, eu faço um pacto com satã.” E fez um pacto com o comunismo.

Precipitaram-se todos a ajudar a URSS, quando já se tinham boas razões para crer na vitória anglo-americana. Em 1942, os ingleses, primeiros inventores do radar, revidam os raids aéreos. Em ataques noturnos que se repetirão até o fim da guerra, destroem a Alemanha Ocidental. Tudo indicava que, quanto mais longe afundavam na Rússia as tropas de Hitler, mais próxima estava a vitória, sem necessidade de enviar US\$ 11 bilhões para o cúmplice da tragédia mundial, ou melhor, para o principal inimigo. Os alemães entraram Rússia adentro e chegariam ao estreito de Bering, se não fosse a estúpida idéia de ajudar os soviéticos. E até hoje estariam perdidos na Sibéria os farrapos da bandeira nazista.

O país que invadia facilmente a Rússia era mais um país em fuga do que um exército vencedor. Foi um regime agonizante que penetrou

até Stalingrado, e o mundo inteiro, para glorificar o Inimigo Número Um, inventou o apelido: Vitória de Stalingrado.

Na continuação dos disparates, temos em Yalta uma capitulação infinitamente mais grave do que a de Munique. O inimigo vencido recebe as honras de vencedor e ganha muito mais do que pretendia ganhar antes da guerra. A guerra começou, porque os franceses e ingleses acharam que, depois de várias humilhações, deviam honrar a palavra e não permitir a invasão da Polônia; termina a guerra com a entrega total da Polônia!!!

Mais tarde os anglo-americanos têm a idéia de armar o tribunal de Nuremberg para punir os crimes de guerra. A primeira sessão é presidida por um general soviético que trata logo de

extraviar o processo do massacre de Katina. Nesse meio tempo, os franceses também querem proceder à *epuration*, também querem castigar seus traidores. E o que fazem? Procuram os comunistas e inventam o amálgama democrata-cristão para fuzilarem sem processo 105 mil franceses.

Perguntei: Que vitória? A resposta é clara: vitória da guerra revolucionária, subterrânea, que vem minando a civilização desde a Reforma e da Revolução Francesa, e que esteve eclipsada por um efêmero anormal. Agora o inimigo espalhou-se e já se infiltrou no último lugar que esperava alcançar: a Igreja Católica.

Não me canso de pasmar diante de tamanho disparate. ☹

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

Coleção General Benício



A Defesa do Alcazar de Toledo

Ángel Palomino

Precioso comentário histórico sobre a epopéia da Fortaleza de Alcazar, durante a Guerra Civil Espanhola, em 1936, com base em um diário da época que relata o cotidiano dos 67 dias de resistência aos ataques dos republicanos e ao sítio sofrido pela tropa sob seu comando.